VIII Simpósio Nacional de História Cultural

MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA CULTURAL

Universidade Federal do Tocantins – UFT

Araguaína – TO

14 a 18 de Novembro de 2016

POR HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: A EDUCAÇÃO AGOSTINIANA NO INSTITUTO STELLA MARIS EM SOURE-PA (1959-1969)

Elayne de Nazaré Almeida dos Santos

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão acerca dos primeiros resultados da pesquisa em andamento sobre educação agostiniana no Marajó. No sentido de compreender a concepção deste tipo de educação no Instituto "*Stella Maris*", no período de 1959 – 1969, em Soure/Pa.

Este recorte é decorrente da pesquisa em andamento no Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Pará, a ser concluída no ano de 2017.

Para esta investigação, utilizei fontes documentais e fontes orais. As fontes documentais foram: histórico da escola, fotografias, livro do tombo da Prelazia do Marajó, histórico da congregação das Agostinianas, o Projeto Pastoral Educativo, livros e revistas da congregação. As fontes orais se constituem em: três ex-alunas do Stella Maris, para a discussão trouxe somente duas, uma ex-professora e irmã agostiniana.

Desse modo, inicialmente, no primeiro item, trago a história da instituição e no segundo item acerca da educação agostiniana em Soure, de 1959 – 1969.

A FUNDAÇÃO DO INSTITUTO STELLA MARIS

Figura 01 – Colégio Stella Maris em 1966

Fonte: MÉLCON, 2010, p 189

Figura 02 – Colégio Stella Maris em 1959[1]

Fonte: Arquivo da autora

O Instituto "*Stella Maris"* foi fundado em 21 de fevereiro de 1959, pelos padres Agostinianos Recoletos. É a primeira escola de educação agostiniana na Amazônia, localizada no município de Soure/Pa - "capital" do Marajó/ Pérola do Marajó - . O arquipélago do Marajó, por sua vez, constitui a maior ilha fluvio-marítima do mundo.

Para compreender a chegada dos agostinianos e das agostinianas na Amazônia e a fundação do Instituto Stella Maris é necessário analisar o contexto histórico da igreja católica no Brasil no final do século XIX e início do século XX.

A primeira metade do século XX foi marcada por vários acontecimentos vinculados à igreja católica, os quais marcaram a história e a vida da população de Soure. Dentre eles a criação da Prelazia do Marajó, em 1928, a chegada dos padres da congregação Agostinianos recoletos no ano de 1930, a fundação de escolas católicas e a forte atuação e expansão da igreja católica por meio de obras sociais.

A transição do século XIX para o século XX trouxe significativas mudanças tanto para o cenário político brasileiro quanto para a igreja católica. O início do Regime republicano foi marcado por instabilidade na relação entre Igreja Católica e Estado uma vez que emergia entre os dirigentes desse novo Estado um pensamento Positivista e de Liberalismo Republicano. Havia uma parcela da Igreja (bispos, padres, dioceses, etc.) que não aceitava as reformas liberais-racionalistas e tentava manter a tradição de valores pautados no universalismo cristão. Porém, outros membros do clero apresentavam uma

[1] A foto foi tirada recentemente, mas a estrutura do primeiro prédio permanece a mesma de quando foi fundado em 1959.

postura mais aberta para o diálogo, inclusive com o movimento maçônico que estava em ascensão nesta época (SOARES, 2014).

Para alguns membros da Igreja católica o cenário não parecia ser favorável e prenunciava uma crise. Entre tendências progressistas e conservadoras, a Igreja Católica, lançou um movimento restaurador no Brasil a fim de reconquistar a posição privilegiada e a crença de seus fies católicos. Sobre esse momento, Azzi (2008) denomina de período de sacralização da sociedade brasileira, que consiste num "esforço de romanização, ou seja, de imposição dos princípios centralizadores da Igreja Romana sobre a sociedade brasileira" (p. 11).

O estopim desse momento se deu em 1916 quando Dom Sebastião Leme publicou uma carta pastoral sobre o ensino religioso que mais tarde foi considerada como um manifesto. Esse documento serviu de base para a orientação pastoral da Igreja do Brasil durante quatro décadas que antecederam o Concílio Vaticano II em 1962. Segundo Azzi (2008), esse projeto restaurador consistia em transformar o Estado Republicano num Estado Religioso.

Desse modo, toda ação ou manifestação dada como anti-cristã, era rejeitada e excluída da sociedade brasileira, assim foi no campo da educação, da política e da religião. A educação nas escolas públicas, por exemplo, era vista por Leme como leiga e neutra, que deveria ser combatida através da criação de novas escolas, no caso, escolas católicas alicerçadas no ensino religioso. Manifestações espíritas ou cultos afro-brasileiros também eram rejeitados e proibidos (AZZI, 2008).

O início do século XX foi marcado pela presença maciça de muitos religiosos que seguiram rumo ao Brasil. Em 19 de fevereiro de 1899, chegaram os primeiros 12 agostinianos recoletos, aportaram na cidade de Santos e a partir daí se espalharam pelos Estados de Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás, Pará e Amazonas. Eles dariam continuidade às suas jornadas realizadas na Europa.

O Bispo Dom Gregório Alonso Aparício veio para Soure em 19 de outubro de 1930, na condição de assumir a Prelazia que foi construída e aberta em 1928. Até então, a paróquia estava em situação precária, a igreja católica estava com o seu poder abalado desde a expulsão dos padres franciscanos na metade do século XVII, e depois com a expulsão dos jesuítas, na segunda metade do século XVIII, sob a ordem de Marquês de Pombal. Há relatos de que havia somente um padre que peregrinava por Salvaterra e

Soure, realizava Casamento, Batismo e Comunhão (os principais sacramentos da igreja) por algumas cidades, dentre elas estavam Soure e Salvaterra, que era distrito de Soure (MÉLCON, 2010).

Dom Alonso veio para uma missão: reerguer as ações da Igreja católica no Marajó. Sendo assim, ele viajou para o Rio de Janeiro em abril de 1932, cidade onde está localizada a sede principal dos Agostinianos Recoletos no Brasil, em busca de recursos para iniciar as atividades evangélicas, inclusive realizar uma reforma e ampliação na pequena igreja "Paróquia Menino Deus", situada na 3ª Rua de Soure, onde também funcionava uma escola para crianças aos fundos da igreja. Próximo à igreja funcionava a escola doméstica de Soure. Dom Alonso fundou a Escola Doméstica Nossa Senhora da Consolação, na década de 1940, e o Instituto *Stella Maris* (1959) (LIVRO DO TOMBO, S/D).

Sobre esse interesse e influência da igreja católica na sociedade brasileira, em especial na Amazônia está também o cenário político e educacional pelo qual o país estava passando na década de 1960, de transformação na estrutura da produção, da política, das manifestações culturais, reformas educacionais, da sociedade como um todo e, principalmente, dos laços entre Igreja e Estado.

Nesse período, houve excessivas reuniões entre igreja e órgãos do governo federal, inclusive com a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM -, que ficou decidido, em 1967, "o papel da igreja no desenvolvimento da Amazônia seria de se transformar em um crescente instrumento de promoção do homem e da região" (MÉLCON, 2010, p. 277). Faz sentido, portanto, refletir que, as obras sociais e projetos, tanto sociais e educativos, da Prelazia do Marajó, foram pensados e executados em prol do projeto "desenvolvimentista" que o governo federal tinha para a Amazônia, o qual terá o seu aprofundamento mais tarde, na década de 1970.

Retomando o campo educacional, a igreja assume o seu compromisso quanto ao progresso e à expansão do plano educacional.

> A Igreja tem sua responsabilidade quanto ao progresso e à expansão do plano educacional, uma vez que para cumprir o mandato recebido de seu divino Fundador, ou seja, de anunciar o mistério da salvação a todos os homens e de tudo restaurar em Cristo, deve cuidar de toda a vida do homem. O Decreto conciliar salienta ainda as obrigações dos pais, dos governos e, de um modo especial, dos dirigentes da Igreja. Exorta com veemência a nós pastores a que não meçamos nenhum sacrifício para

> que nossas escolas católicas jamais deixem de cumprir a missão (MÉLCON, 2010, p. 279).

É válido ressaltar que nesse período acontecia a expansão de escolas e Universidades católicas no Brasil, com o firme propósito de evitar o declínio maior da Igreja católica decorrente da laicização do Estado, que trouxe como consequência máxima a proibição do ensino religioso em escolas públicas.

No Brasil, a expansão de escolas católicas resultou na construção de sete colégios agostinianos: Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus e Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, ambas em Goiás, colégio Cristo Rei em São Paulo, Colégio Santa Rita em Minas Gerais, Colégio Santo Agostinho em Goiânia, Instituto *Stella Maris* em Soure e Colégio Santo Agostinho em Breves, ambas no Pará. A escola mais antiga da região Norte do Brasil é o Instituto *Stella Maris*, localizada em Soure/PA.

Nesse contexto o *Stella Maris* vem como uma extensão da primeira escola infantil "Nossa Senhora da Consolação", porém, mais ampliado e com um número maior de alunos e de turmas, assim como também, o acréscimo de novas disciplinas (Matemática e Ensino Religioso) no currículo da escola. O trabalho pedagógico desenvolvido na escola infantil tinha como objetivo a alfabetização e a catequização de crianças.

No mesmo ano de fundação do colégio Stella Maris (1959) o bispo Dom Alonso trouxe para Soure as Irmãs Agostinianas Missionárias[2] – Milagros, Isabel Rico e Aurélia - para assumir a direção do colégio e auxiliar na gestão e na educação de crianças. Essa escola, inicialmente, funcionava com poucos alunos de ambos os sexos, era pequena e anexa à igreja matriz de Soure (LIVRO DO TOMBO, S/D).

As irmãs agostinianas passaram então a desenvolver uma educação diferenciada no município, que atendia tanto as crianças do Stella Maris quanto os jovens da comunidade. As ações das irmãs não ficaram restritas à evangelização e educação de crianças. As suas funções são diversificadas e atendiam também outros grupos sociais - a juventude, a família, a mulher e o homem – quer seja no âmbito da educação escolar ou da assistência. Isso não quer dizer que os padres agostinianos não exerciam as mesmas

[2] Compõe a congregação religiosa cujo seguimento é a espiritualidade de Santo Agostinho. Essa congregação foi fundada em Madrid (Espanha, 1890), desenvolve trabalhos educativos e sociais na escola e em comunidades de periferia cujo índice de violência e de vulnerabilidade social ainda é considerado alto.

atividades, porém, com as irmãs tomando frente do trabalho pedagógico, atraiu os olhares da população local, principalmente dos pais que tinham filhas e que desejavam que suas filhas estudassem num colégio de freiras para seguirem o "bom exemplo", além do mais, as ações dessas religiosas tomou maior amplitude e repercutiu como algo satisfatório e positivo à tão desejada expansão e poder da Igreja Católica.

A EDUCAÇÃO AGOSTINIANA NO INSTITUTO *STELLA MARIS*

Desde quando as Irmãs assumiram a direção do Stella Maris, o colégio passou por várias mudanças. Do período de 1959 a 1969, o colégio passou por duas fases. A primeira fase, de 1959 a 1965, corresponde ao momento em que a escola estava instalada provisoriamente nas dependências da Igreja Matriz de Soure. O ensino era de Educação Pré-primário (1ª a 3ª série), destinado somente para crianças até oito anos de idade. Na segunda fase, de 1966 a 1969, a escola foi instalada em um prédio independente da Igreja, bem mais estruturado e espaçoso. O ensino, nessa segunda fase, abrangia o Ensino Primário e Ensino Médio.

No prédio provisório havia três salas de aulas onde funcionava o ensino primário (1ª à 3ª série), este ensino era privado, cobrava-se uma pequena taxa. A turma era mista com meninos e meninas de diferentes classes sociais. As disciplinas eram Português, Matemática e Ensino Religioso até o ano de 1960, a partir do ano de 1961 foi acrescentada a disciplina de Ciências, que eram ministradas pelas irmãs agostinianas, no turno da manhã. No turno da tarde, os estudantes participavam de outras atividades; domésticas, artesanais, sessão de cinema e estudo da catequese.

A educação agostiniana nesta primeira fase do "*Stella Maris"* não estava voltada somente para a "educação formal", havia, sobretudo, a catequese, atividades domésticas paralelas às disciplinas tradicionais (português, ciências e matemática) e eventos culturais tais como, sessão de cinema e peças teatrais. As atividades paralelas às disciplinas tradicionais eram ministradas também por outras educadoras que não eram agostinianas, mas que eram próximas às irmãs e trabalhavam/haviam trabalhado em outras escolas, tais como, escolas públicas, escolas domésticas e escolas isoladas.

Na segunda fase que teve início em 1966, o colégio ganhou um novo prédio, mais espaçoso, com várias salas de aulas, aumentou o número de alunos e passou a ser conveniado à Secretaria de Estado de Educação, funcionando, portanto, parcialmente em regime público e privado, compreendendo o Ensino primário e Ensino Médio.

As aulas passaram a ser ministradas pelas irmãs e professores da rede estadual de ensino. O Estado cedia os professores, contudo, havia uma seleção dos docentes, que era feita pelas irmãs.

Com a ampliação do ensino houve também alteração no currículo, inserção de outras disciplinas. O currículo se constituía em: matérias e atividades. As matérias divididas em Comunicação e expressão, Estudos Sociais e Ciências. As atividades eram: Comunicação e expressão, Integração Social e Educação Moral e Cívica, Iniciação às Ciências, Ciências Naturais e Ciências Matemática.

Tanto no primeiro prédio quanto no segundo, sempre esteve somado ao conteúdo escolar segundo a LDB, atividades culturais, esportivas e religiosas. Essa forma de educar, pensando na integração humana, despertou ainda mais a atenção da população local, uma vez que essas atividades, que interpreto como extraclasse, não havia nas escolas públicas.

Dentre as atividades, eis o recreio, um importante momento de lazer e ludicidade. Segundo relatos de ex-alunas, a chegada do Stella Maris em Soure, mudou a vida de muitas pessoas, trouxe grandes melhorias e benefícios às crianças e à juventude, trouxe novidades, tal como relata dona Naza (ex-aluna do ano de 1959) e dona Conci (ex-aluna do ano de 1966).

> No Stella foi diferente, como elas vieram já lá do sudeste, do lado de Goiânia, aí elas vieram com ideias diferentes, tudo era novidade pra nós, não tinha recreio, aí elas criaram o recreio, aí foi quando nós fomos ver o que era recreio. Saía aquele período para brincar. (...) então tinha bastante brinquedos, tinha peteca, tinha bola, muitos brinquedos, jogos educativos, quebra-cabeça, foi quando nós começamos a ver essas coisas, porque até então era boneca só. (...) As brincadeiras eram no quintal, lá atrás, a brincadeira era mão de barro, nós brincávamos, os meninos jogavam bola, as meninas pra lá e os meninos pra cá, era justamente onde hoje é a quadra (NAZA, 2016).

> Tinha recreio, tinham muitas brincadeiras na hora do recreio (...) na hora do recreio tinham brincadeiras, jogos, brincávamos de mão de barra, futebol, meninos e meninas brincavam, a gente brincava na areia mesmo, tinha merenda, sempre teve merenda, era mingau, sopa...(CONCI, 2016).

Da fala das ex-alunas é possível compreender a importância do recreio para as crianças como um momento de brincar. Diferentemente, das escolas públicas em que o recreio era definido como "hora de merendar". *"No brincar ela é livre para se expressar*

e alçar voo rumo ao desconhecido, entregando-se à aventura da descoberta" (CARVALHO, 2016).

Possivelmente, o recreio para essas ex-alunas foi marcante porque desconstruía a concepção de escola, como um espaço rígido e de instrução. Além de que era um momento também de interação e criatividade tanto com o mundo real quanto com a fantasia, esquecendo por um instante os conteúdos do currículo escolar, dos castigos e cada uma vivendo o seu próprio mundo.

Do recreio à sala de aula. O método de educar das agostinianas sucede da concepção de educação em Santo Agostinho, *"O método que Agostinho adota (...) não é o das respostas imediatas"* (JORDÃO, 2009). O ser humano deve sempre buscar a verdade. Por isso, o carisma das agostinianas consiste em "educação e promoção humana", está para além da sala de aula. Há irmãs que trabalham na pastoral, com o povo e entendem que tudo o que for para ajudar no crescimento do outro, é a educação.

Para irmã Justina[3] (2016) a educação agostiniana consiste em.

> Trabalhar a educação de forma integral, que olhe o aluno como um todo, como um ser humano, como uma pessoa, e nós temos essa preocupação de quando ele sair da nossa escola, ele esteja preparado ou com condições de ele ser ele mesmo, andar com as próprias pernas, de seguir a vida e não parar (...) como falava sempre Santo Agostinho, o coração inquieto, que as nossas crianças, os nossos jovens sempre tenham essa vontade de saber.

Desse modo, os professores do Stella Maris desse período (1959 – 1969) não se detinham ao livro didático. Utilizavam o livro "Infância brasileira" como suporte, gratuito, doado pelo Estado, mas na maioria das vezes eles trabalhavam com exemplos práticos, dava-se primeiro a prática e depois o conteúdo do livro, tal como afirma a irmã Justina[4], entre uma narrativa e outra.

> A prova nós vamos fazer assim, os alunos traz um tipo de alimento e manda para a família tal que precisa, vocês vão escrever uma carta falando alguma coisa da vida, o que vocês têm de mensagem a dizer e pega o alimento e vamos lá. Aí eles vão, chega lá eles têm uma aula, um choque com a realidade. Uma vez fiz uma campanha com eles de limpeza, sair nas ruas ajuntando lixo, aí as pessoas gritavam: "ei, vocês são escravos da prefeitura"?...mas aí eles não paravam.

[3] Nome fictício dado a uma das intérpretes da pesquisa.

[4] Foi professora do Stella Maris na década de 1960.

> Por exemplo, quando eu trabalhava português com eles eu iria trabalhar substantivo, aí eu dizia pra eles assim: tragam recortes de revista, jornal... aí eles traziam. Agora olhem tudo aí o que vocês acham que é nome de alguma coisa, aí eles olhavam, vão escrevendo aí no quadro, agora vamos olhar aqui dentro o quê que tem nome, aí eles iam falando, agora olhem vocês o que tem nome, aí eles diziam a camisa, sandália, mochila, meu nome, agora nós vamos separar, o que são nomes de pessoas, de lugares, então isso aqui são chamados de substantivo próprio, então eu dava primeiro a prática, depois eu pegava o conteúdo do livro e ficava muito mais fácil pra eles. Então as ciências a irmã pedia que eu trabalhasse a questão dos socorros, da cura, etc. o que eu fazia, eu levava algum texto para eles encenarem, aí eles trabalhavam as dramatizações, a gente ia para o quintal e lá eles encenavam um acidente, aí um caía. Como eles iriam atender essa pessoa acidentada? Aí pegava colocava pra eles prepararem, aí eu perguntava: como vocês vão cuidar desse braço até chegar no posto médico? Ah, se for uma fratura simples é assim, se for exposta é assim... imobilizava, colocava numa tipoia...(2016)

A Filosofia da educação agostiniana em associar a educação à promoção humana pode ser compreendida da seguinte forma: "A nossa tarefa educativa não pode restringir-se aos conhecimentos teóricos, mas deve cuidar, antes de tudo, da educação do coração" (PROJETO PASTORAL EDUCATIVO, 2008, p.03).

Tal concepção advém das ideias de Santo Agostinho quando ele associou educação e Cristianismo, centralizando a Pedagogia na fé e na ética cristã. Para este pensador cristão o mestre deve apenas indicar o caminho, cabe aos alunos a liberdade em percorrê-lo. Esse pensamento agostiniano muito se difere das concepções modernas de educação, que é laica. Porém, em muito se aproxima de outros pensadores mais recentes, como Paulo Freire, que defendem a educação libertadora, o conhecimento construído pelo aluno (PILETTI; PILETTI, 2014).

Todavia, a educação agostiniana não era restrita à escola, as irmãs coordenavam junto com os padres, catequese e aulas de formação aos sábados para a juventude, era aberto à comunidade. As irmãs dividiam a turma por sexo, moças e rapazes, nessas aulas havia a educação religiosa, orientação sobre higiene e saúde, prática de esportes, cinema, educação comportamental e palestras sobre os valores sociais.

A de se considerar que naquela época era grande a preocupação de como conduzir a juventude, principalmente as meninas, à ter uma boa conduta moral, um bom comportamento, a disciplina era muito rígida para a manutenção da ordem e equilíbrio social, daí a importância para as irmãs trabalharem fortemente os valores sociais (Respeito, Honestidade, Solidariedade, etc.). Por um olhar Foucaultiano o

estabelecimento da disciplina e da ordem se configura como uma estratégia à manutenção do poder, neste caso, o poder da igreja católica.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A Intenção de escrever esse artigo foi justamente para compartilhar os primeiros resultados da pesquisa de Mestrado. Tornar público raras informações acerca da História do Colégio *Stella Maris*, visto que todos os indicativos apontam que não há pesquisas sobre a história desta instituição educativa.

A fundação do Stella Maris intercruza com a história do Brasil e do estado do Pará, é bastante significativo também para o campo de pesquisa História das instituições educativas, no sentido em que demarca um momento importante na constituição de uma educação diferenciada em Soure.

Considerando que eu parto do campo da educação, procurei analisar a concepção de educação agostiniana a partir das práticas educativas das irmãs, onde foi possível encontrar que a educação agostiniana ultrapassa a educação escolar, se constitui também como educação não-escolar. Uma educação para a vida. O carisma das irmãs agostinianas missionárias é levar educação para a promoção humana em lugares onde há um alto índice de pobreza e miséria. Por isso, suas ações não podem ficar restritas à escola. Elas atuam também em comunidades nos bairros de periferia junto à juventude.

De todo modo, o ato de educar faz parte da vida humana, no entanto, o método é o diferencial nesse processo. No caso, das agostinianas, elas seguem e praticam a Filosofia de Santo Agostinho, de pensar a formação do homem de forma integral, como um ser autônomo, responsável e pensante. A incessante busca pelo saber e da verdade é o que torna o homem feliz, segundo Agostinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

Livros

O Livro do Tombo da Prelazia do Marajó 1930 – 2000. Disponível no acervo da Prelazia do Marajó – Igreja Menino Deus. Soure.

Históricos e Anuários

Histórico da Instituição Stella Maris. Disponível no acervo da Instituição Stella Maris. Soure: 1959.

Histórico da Congregação das Agostinianas. Disponível no acervo da Casa das Irmãs Agostinianas. Soure: s/d.

Anuário de 1968 da Prelazia do Marajó. Disponível no acervo da Prelazia do Marajó – Igreja Menino Deus. Soure: 1968.

Projeto

Projeto Pastoral Educativo das Agostinianas. Disponível no acervo da Instituição Stella Maris. Publicado pela Congregação das Agostinianas. Soure: 2008. 35 p.

Referências

AZZI, R; GRIJP, K. V. D. História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: Tomo II/ 3-2: terceira época: 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008.

CARVALHO, Nazaré Cristina. O brincar na ilha de Colares. *In:* ALBUQUERQUE; FARES; SILVA. (orgs). Saberes Experiência, saberes escolares: diálogos interculturais. Belém: EDUEPA, 2016.

JORDÃO, Eduardo Antônio. Agostinho: educação e fé na cidade de Deus. Petrópolis, Rj: Vozes, 2009.

MÉLCON, F. J. M. P. O missionário I: a vida e obras de Dom Alquílio Alvarez Díez, bispo-prelado de Marajó (1919 – 1985). Rio de Janeiro: Colégio Santo Agostinho Novo Leblon, 2010.

PILETTI, C; PILETTI, N. História da educação: de Confúcio a Paulo Freire. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SOARES, E. Pensamento católico brasileiro: influências e tendências. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

THOMPSON, P. A voz do passado: história oral. Tradução de Lóllio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREITAS, S. M. História Oral: possibilidades e procedimentos. – 2 ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

HALBAWACHS, M. A Memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.